

QUATRO DÉCADAS, QUATRO FILMES

CINEMA NO GRANDE AUDITÓRIO 28 DE NOVEMBRO (4ª FEIRA) ENTRADA LIVRE

www.iscte.pt | www.biblioteca.iscte.pt

Coordenação de Maria João Amante



بابِل

BABEL 巴比倫

BABEL

2006, COMENTÁRIOS POR FERNANDO LUÍS MACHADO E CHRISTOPHER AURETTA

بابِل 巴比倫

CICLO DE CINEMA

17h30, 28 de Novembro, 2012

**BABEL, Alejandro González Iñárritu
(2006)**

Alguns núcleos Temáticos do filme *Babel*: a globalização e o globalismo, cidade vs. aldeia, tradição vs. modernidade tecnocientífica, a vigilância electrónica, a imigração legal e clandestina, a sociologia do turismo, o cosmopolitanismo: entre a paz e a guerra, a África e a emancipação política perante o Ocidente, a Ocidentalização como o novo rosto de uma globalização colonizadora, a polarização Norte-Sul

Alguns autores que poderão elucidar o tema da globalização subjacente ao filme *Babel*: Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Immanuel Kant, Amartya Sen, Peter Singer

“Entre a abundância de coincidências (o entrecruzamento intensificado de relações humanas no espaço e no tempo) e a

penúria de comunicação (entre os membros da comunidade humana): em busca de uma ética para o mundo globalizante.

(uma breve reflexão em cinco momentos)”

Christopher Damien Aretta

1. O filme *Babel* (2006), do realizador mexicano Alejandro González Iñárritu, realça vários aspectos do impacte da globalização sobre a vida contemporânea. Para começar, a história narrada articula-se (fragmenta-se) em vários pontos geográficos: México, Japão, Estados Unidos da América e Marrocos. A vida rural e a vida urbana (que constituem por si só um núcleo temático frisando contrastes, discontinuidades e disparidades) são também retratadas: Tazarine (uma aldeia em Marrocos), Tóquio (megacidade e capital do Japão), uma aldeia (fronteiriça) no deserto nortenho do México e os subúrbios da cidade de São Diego, na Califórnia. Contudo, estes fragmentos reúnem-se de modo inesperado em consequência de um simples acto perpetrado por um par de crianças (irmãos cujo destino nos reenvia para o destino dos irmãos Caim e Abel da tradição judaico-cristã – apesar do estado de consciência ainda pouco amadurecido dos dois irmãos marroquinos [ou ainda só à beira da consciência adolescente/adulta], em contraste com a psicologia mais adulta dos irmãos Caim e Abel – outro eco, portanto – para além do título do filme em si – de uma memória cultural englobando várias linhagens civilizacionais). Inconscientes das consequências desse mesmo acto, os dois irmãos desencadeiam uma série de acontecimentos que, por sua vez, têm um impacte profundo sobre a vida (e morte) de várias personagens do filme. Fica na nossa memória a mudez dolorosa da jovem japonesa Chieko, uma sensação de solidão inultrapassável num vasto mar de gente. Fica na memória o desenlace trágico relativamente aos dois irmãos marroquinos e à sua família, bem como uma sensação de profunda injustiça em redor da personagem Amelia, a senhora mexicana que trabalhava clandestinamente há dezasseis anos nos E.U.A. Haverá aspectos de globalização aqui? Sim. E talvez mais: a tomada de consciência de que o entrecruzamento cada vez mais intenso das nossas vidas neste planeta não garante o fim da injustiça. Na Torre de Babel onde continuamos a viver, ou pelo menos, nas ruínas daquela Torre de memória milenar, reinam ainda a violência da injustiça e a injustiça da violência.

Pontos de reflexão:

Como é que o filme manifesta o carácter problemático de um verdadeiro acto de escuta, i.e., o processo difícil de verdadeira comunicação e compreensão entre os seres humanos? Quais são alguns dos factores que dificultam esta comunicação revelados e desenvolvidos no filme?

2. O filme em estudo possui uma estrutura narrativa múltipla (i.e., não unilinear, pois patenteia o drama humano de quatro famílias). São quatro fios condutores que formam um tecido único. Por um lado, o filme sublinha a diversidade geográfica, linguística e cultural das quatro famílias; por outro lado, o filme revela a proximidade inesperada destas mesmas famílias. Num mundo globalizante, há um encurtamento do espaço físico, permitindo esta aproximação (turismo, estruturas financeiras internacionais, questões políticas que envolvem e transformam a natureza da soberania dos Estados, etc.).

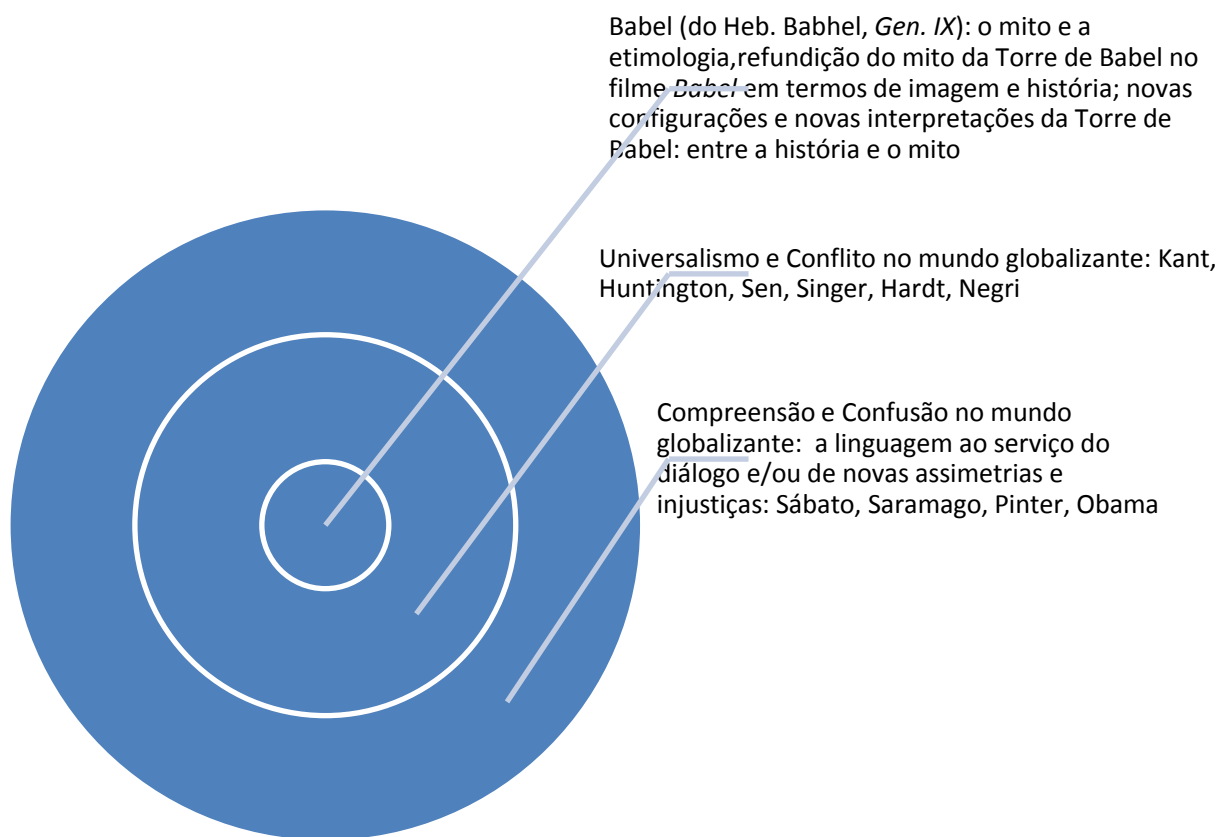
Esta aproximação não é sem a sua problemática: a aproximação dos seres (por via das tecnologias da informação, por exemplo, a Internet, bem como por via de toda a complexa rede de novas relações possíveis que se deve ao processo de aproximação electrónica a operar à escala global) não garante nem promove automaticamente uma comunicação e uma compreensão profundas (i.e., não estereotípicas, não redutoras) entre os seres. *A fronteira (material e imaterial, geográfica, linguística, económica, etc.) é muitas vezes mais uma barreira do que um espaço de travessia e de reflexão.* A comunicação e a compreensão entre os povos (dotados de uma história, uma memória cultural e valores diversos, embora, sim, em última instância, comensuráveis) precisam de ser cultivadas, pois todos pertencemos a uma condição humana comum: conhecer o Outro exige, primeiro que tudo, um acto de disponibilidade, um acto de escuta e um desejo de diálogo.

3. Perto do final do filme *Babel* de Alejandro González Iñárritu (2006), após o estabelecimento pelo realizador da estrutura quadridimensional da história (quatro famílias, quatro países, quatro línguas), a personagem Amélia encontra-se definitivamente deportada, as crianças de Susan e Richard regressam a casa (um regresso não visto mas implícito), um dos dois irmãos marroquinos morre às mãos da polícia local, Susan recupera após uma intervenção cirúrgica de última hora (o casal americano vê-se no noticiário japonês) e Chieko – a jovem surda e muda japonesa – e o seu pai vivem um momento de silenciosa

compreensão no terraço da torre habitacional onde moram no centro da megacidade que é o Tóquio actual. A partir destas cenas, resumidas sucintamente aqui, restam mais dúvidas do que certezas. Por exemplo, o filme *Babel*, embora demonstre a proximidade destas quatro famílias em termos de um destino inesperadamente partilhado, acentua *vazios de comunicação*, incompreensão e um estado geral de *incomunicação*. Será que a etimologia do vocábulo *Babel* nos pode assinalar caminhos de leitura do filme e da sua temática? Será que a globalização vislumbrada pelo filme em questão propõe uma Torre nova? Que tipo de Torre? Que pedagogia cultural deveria haver para que tal Torre chegue a realizar-se, no sentido de se concretizar e praticar globalmente uma comunicação essencialmente problemática mas também real entre uns e outros, de promover uma compreensão sempre incompleta mas que seja igualmente reflexo do nosso horizonte ético supremo de entendimento humano e, por último, de admitir uma multiplicidade de fronteiras que aproxime as diferenças e as tensões mas sem se tornarem barreiras que só a belicosidade, a agressão e a violência podem sustentar?

4. Alguns autores que poderão esclarecer aspectos diversos deste estado de incompreensão num mundo de franca intensificação de (in)comunicação são, por exemplo, Amartya Sen, Anthony Giddens e Peter Singer, que assinalam os desafios e os obstáculos à construção de uma comunidade global deveras justa. Haverá uma ética que consiga superar os *vazios de comunicação* que impedem o entendimento entre o íntimo das pessoas e o comum das suas aspirações?
5. O filme *Babel* constitui um pólo de reflexão muito fecundo. Revela igualmente o papel mediador da arte no que respeita a esta Torre babélica tão supremamente problemática. José Saramago (Prémio Nobel), Harold Pinter (Prémio Nobel), et al. exemplificam a capacidade de o artista comunicar o que a multiplicidade das línguas do mundo, por um lado, e, por outro, os efeitos redutores ou ideológicos da linguagem política (veja-se, por exemplo, o problemático texto da Lição Nobel de Paz de Barack Obama) ofuscam, i.e., *a necessidade de ultrapassar a surdez vigente no interior da comunidade humana*. O filme *Babel*, à semelhança do mito bíblico patente no livro do *Génese*, assinala um elemento trágico persistente a operar no cerne das relações humanas, no cerne da própria palavra, especialmente quando essas relações e essas palavras se associam a questões de domínio, arrogância à escala internacional e injustiça.

Uma bibliografia mínima para cidadãos de um mundo babélico:



Em torno da Torre de Babel:

"The 'Tower of Babel' is the name of the building mentioned in **Genesis 11:19**.

History of the Tower

The descendants of Noah had migrated from the "east" (Armenia) first southward, along the course of the Tigris, then westward across the Tigris into "a plain in the land of Sennar". As their growing number forced them to live in localities more and more distant from their patriarchal homes, "they said: Come, let us make a city and a tower, the top whereof may reach to heaven; and let us make our name famous before we be scattered abroad into all lands." The work was soon fairly under way; "and they had brick instead of stones, and slime (asphalt) instead of mortar." But God confounded their tongue, so that they did not understand one another's speech, and thus scattered them from

that place into all lands, and they ceased to build the city." (In: *The Catholic Dictionary New Advent*: <<http://www.newadvent.org/cathen/15005b.htm>>)

Em torno do tema da globalização: Zygmunt Bauman, *Globalization, The Human Consequences*, Cambridge, RU: Polity Press, 1998:

"Paul Virilio suggested recently that, while Francis Fukuyama's declaration of the 'end of history' looks grossly premature, one can with growing confidence speak presently of the 'end of geography'. The distances do not matter any more, while the idea of a geophysical border is increasingly difficult to sustain in the 'real world'. It suddenly seems clear that the divisions of continents and of the globe as a whole were the function of distances made once imposingly real thanks to the primitiveness of transport and the hardships of travel. (...) Indeed, far from being an objective, impersonal, physical 'given', 'distance' is a social product; its length varies depending on the speed with which it may be overcome (and, in a monetary economy, on the cost involved in that attainment of that speed). All other socially produced factors of constitution, separation and the maintenance of collective identities – like state borders or cultural barriers – seem in retrospect merely secondary effects of that speed.

This seems to be the reason, let us note, why the 'reality of borders' was as a rule, most of the time, a class-stratified phenomenon: in the past, as they are today, the elites of the wealthy and the powerful were always more cosmopolitically inclined than the rest of the population of the lands they inhabited; at all times they tended to create a culture of their own which made little of the same borders that held fast for lesser folk; they had more in common with the elites across the borders than with the rest of the population inside them. Their seems also to be the reason why Bill Clinton, the spokesman of the most powerful elite of the present-day world, could recently declare that for the first time there is no difference between domestic and foreign politics. Indeed, little in the elite's life experience now implies a difference between 'here' and 'there', 'inside' and 'outside', 'close by' and 'far away'. With time of communication imploding and shrinking to the no-size of the instant, space and spatial markers cease to matter, at least to those whose actions can move with the speed of the electronic message. (...)

Engineered, modern space was to be tough, solid, permanent and non-negotiable. Concrete and steel were to be its flesh, the web of

railway tracks and highways its blood vessels. Writers of modern utopias did not distinguish between social and architectural order, social and territorial units and divisions; for them – as for their contemporaries in charade of social order – the key to an orderly society was to be found in the organization of space. A social totality was to be a hierarchy of ever larger and more inclusive localities, with the supra-local authority of the state perched on the top and surveilling the whole, while itself protected from day-to-day invigilation.

Over that territorial/urbanistic/architectural, engineered space a third, *cybernating* space of the human world has been imposed with the advent of the global web of information. Elements of this space, according to Paul Virilio, are 'devoid of spatial dimensions, but inscribed in the singular temporality of an instantaneous diffusion. (...) [R]ather than homogenizing the human condition, the technological annulment of temporal/spatial distances tends to polarize it. It emancipates certain humans from territorial constraints and renders certain community-generating meanings exterritorial – while denuding the territory, to which other people go on being confined, of its meaning and its identity-endowing capacity. For some people it augurs an unprecedented freedom from physical obstacles and unheard-of ability to move and act from a distance." (pp. 12-26)